

Ex-Jogador e agora? Caminhos e descaminhos

José Jairo Vieira (UFViçosa)

1. Introdução

Este texto tem por principal objetivo analisar a trajetórias do jogador profissional de futebol principalmente, após o término de sua carreira enfim, quando ele costuma ser designado como ex-jogador. Quais são os seus caminhos freqüentes? O que estes jogadores pretendem fazer após o término de suas carreiras? Eles costumam e uma preparação para isto, Enfim, como fica sua situação quando pararem de jogar. Para tanto, analisamos as informações oferecidas por 327 jogadores profissionais do Estado do Rio de Janeiro e também aquelas oferecidas por órgãos de assistência ao jogador profissional.

Ao observamos a trajetória dos jogadores percebe-se que poucos são aqueles que tiveram uma trajetória 'linear', ou seja, se profissionalizaram nos clubes nos quais iniciaram na escolinha¹. Muitos jogadores são descobertos pelos tradicionais 'olheiros', dos grandes clubes, em escolinhas do subúrbio e do interior².

Desta forma, o objetivo deste artigo é analisar três momentos da trajetória dos jogadores: O início da carreira, o momento da passagem para o profissionalismo, suas tensões e implicações e, por fim, suas expectativas sobre o que farão após deixarem de ser jogadores.

Nossa divisão da trajetória do jogador vai ao encontro da postulada por Guedes (1982). A autora divide a trajetória do jogador em três fases. A primeira fase é o 'sonho', nela o jogador (ou pretendente) está iniciando cheio de expectativas, o futebol ainda é uma brincadeira de criança; e, com a possibilidade de profissionalização, vai aos poucos assumindo a forma de um futuro meio de sobrevivência. A segunda fase é a 'luta', ou a época da profissionalização propriamente dita, que pode ser bem sucedida quando se está na primeira divisão e se pode sobreviver unicamente com os ganhos do futebol, ou por outro lado, não ser tão bem sucedida, com o jogador na segunda divisão tendo muitas vezes que ter outro emprego para sobreviver, mas sem perder de vista a possibilidade de

¹ No Flamengo de cada 1000 alunos da escolinha em média apenas 4 alcançam o profissionalismo.

² Uma prática comum hoje em dia é que os grandes clubes abram escolinhas próprias no subúrbio, o que diminui um pouco a ação do olheiro, mas que, no entanto, está longe de terminar com ele.

uma transferência para a primeira divisão e, conseqüentemente, o alcance da consagração. Na terceira fase, temos a “brincadeira”, isto por que, após o período profissionalizante, o jogador volta a encarar o futebol como uma forma de lazer, uma brincadeira.

2. O início: onde se aprende a jogar, quem ou o que mais te incentivou?

No Brasil, a entrada ou início das crianças no futebol tem uma peculiaridade quando comparada aos outros esportes³. Muitos esportes têm sua prática iniciada fora dos ambientes formais de aprendizagem esportiva como os clubes, escolinhas comunitárias, disciplinas escolares voltadas para as práticas desportiva. No entanto, nenhuma outra atividade desportiva (exceção feita a algumas modalidades do atletismo) tem uma quantidade tão expressiva de jogadores que afirmam terem aprendido a jogar nos campinhos ou quadras de lazer ou como são conhecidas popularmente nos “campinhos de pelada”.

“...aprender mesmo, eu aprendi com os amigos lá da comunidade, eles sempre me chamavam pra jogar lá, eles não tinha condição nenhuma tinha que jogar pra esquecer e não fazer bobagem, foi lá que aprendi no campinho junto com a molecada...” (entrevistado n.1)

“...aprender, aprender mesmo eu já nasci com isto, mas minhas primeiras peladas foram com o pessoal da rua lá onde eu morava no interior, clube não freqüentava não, mas nas peladas em sempre tava, criança sabe como é vive atrás da bola...” (entrevistado n.2)

“...Eu brincava na praça, lá tinha um espaço tipo um terreirão, a nós era criativo, colocava latas ou pedras para marcar os gols e pronto lá estava

³ Hoje o profissionalismo se dá no esporte de forma ainda mais precoce que no início da década passada, já temos casos de jogadores recrutados para países europeus com apenas treze anos, e cada vez mais se observa que o amadorismo, principalmente no futebol, não passa do nome, e que o amadorismo ‘marrom’ se estabelece como sendo uma instância do esporte contemporâneo. A Lei Pelé, aprovada em fevereiro de 1998 tende a regularizar a situação do jovem desportista.

a maior escolinha de futebol que você pode imaginar (...) A gente até ensaiava uns chutes antes de começar a pelada (...) brincava também de 'rei e rainha', 'tóquinho' e 'altinho', mas isto apenas quando não tinha jogadores pra pelada..." (entrevistado n.3)

A partir desta aprendizagem nos campinhos é que a muitos jogadores se submetem aos famosos testes para ingressar num clube, a tentativa de ingresso pode ser para as categorias de base ou mesmo para passar a fazer parte da escolinha daquele clube, neste caso esta escolinha costuma ser uma forma comum e necessária para integrar as equipes do clube.

Um fato neste processo que chamou a atenção foi o depoimento de um jogador que revelou ter pagado para realizar um teste num clube e afirmou ser esta uma prática comum. O pagamento dá direito a realizar um determinado número de treinos como teste.

"...Com 12 anos paguei o teste de experiência para jogar no Olaria (...) Fiz três treinos de teste (...) fui aprovado e passei a jogar por eles..." (entrevistado n.7)

"...fui direto para a sede deles, Madureira e meu tio que foi comigo, pediu para mim fazer um teste, deixaram mais eu não fui bem, bateu uma tremedeira, quase desisti, mas este meu tio me levou no São Cristóvão lá deu certo começo na escolinha e no ano seguinte já estava na equipe..." (entrevistado n.11)

Os caminhos para se entrar num clube são variados, entre as outras formas além do teste acima, lembramos que apesar de ser pago em muitos clubes o teste é uma forma universal de acesso aos clubes intermediários. Nos clubes de ponta ou melhor estruturados o candidato a jogador costuma ter um caminho a mais a percorrer até mesmo para realizar o teste.

Segundo os jogadores apesar de muitos jogadores se beneficiarem de contatos e influências familiares no início da carreira, nas categorias de base, apenas aqueles que realmente jogam bem se firmam na profissão. Para se ter sucesso no futebol o apadrinhamento não é segundo eles o mais importante. No início pode até fazer alguma diferença ms depois não sustenta o jogador na equipe nem no futebol profissional.

“...o que vale é ser bom de bola, a criança até tem oportunidade se o pai, um parente ou conhecido tem algum conhecimento sabe, mas só vai se tornar jogador de verdade se for bom de bola, se ter o dom da bola...”
(entrevistado n.9)

No Brasil, os maiores incentivadores da entrada e permanência das crianças não-brancas no futebol, com o intuito de profissionalização, presumivelmente são os pais. Isto porque aqui, diferentemente dos EUA, a escola não alcança a maioria da população, principalmente, a não-branca. Sendo assim, se nos EUA algumas famílias de não-brancos podem optar pela ascensão social via educação para seus filhos, no Brasil, esta opção é muito restrita.

Por outro lado, para admitirmos que seriam os professores aqueles que mais incentivam, teríamos que aceitar dois aspectos irrealistas: primeiro, que os jogos estudantis são bem organizados e revelam talentos; segundo, que as crianças negras têm com a escola uma relação de harmonia, confiança e principalmente, frequência. Para admitirmos que seriam os técnicos, teríamos que acreditar que as crianças negras têm amplo acesso aos clubes e/ou escolinhas esportivas, o que também não parece condizer com a realidade dos não-brancos que ingressam no futebol.

Com isso, só nos restou a família, os amigos e a mídia. E esta última, junto à primeira é que parece exercer as maiores influências. A mídia influência, quer seja pelos grandes horários dedicados à transmissão de jogos de futebol, quer seja, através da exploração da imagem do ídolo esportivo, quase sempre pobre sem muita instrução e negro; oferecendo assim, um padrão ideal de identidade para as crianças não brancas. A família incentiva pela percepção que tem de ser esta uma forma mais acessível de profissionalização e ascensão social do que a educação formal.

Os maiores incentivadores para os jogadores quase sempre foram as famílias, sem o apoio delas a maioria afirmou que jamais teria conseguido ser jogador de futebol. Ela assim exerce papel fundamental como incentivadora e viabilizadora desta atividade. É interessante observar que os jogadores na sua maioria somente começam a receber a ajuda de custo numa determinada idade e que até este momento eles necessitam da família para permanecerem no caminho de serem jogadores. Outro aspecto a ser observado é que nem todos os clubes fornecem ajuda de custo e quando a fornecem

costumam oferecer para aqueles que obviamente mais necessitam, mas que também sejam promessas de se tornarem bons jogadores.

Nossa interpretação vai de encontro a alguns autores, como Melvim Oliver (1980) que afirma não ser a família o maior incentivador para a entrada de negros no esporte, isto aconteceria na Inglaterra da mesma forma que nos EUA, ele acredita que este papel de maior incentivador cabe a mídia.

Harris (1994), ao estudar quem mais incentivava os atletas negros a iniciarem e continuarem no esporte obteve que, de acordo com os entrevistados, não foi a família a maior incentivadora e sim, pessoas de fora do convívio familiar como professores e amigos. Harris não está sozinho, na descoberta de não ser a família a maior incentivadora da prática de esportes pelas crianças negras americanas. Para Carrington (1986), os pais são menos conseqüentes na socialização no esporte de crianças negras do que outros indivíduos, como os professores. Contudo, apesar de ter encontrado evidências de que outros agentes seriam mais importantes na socialização para o esporte Harris não descarta que haja alguma importância dos pais na entrada e permanência das crianças no esporte.

A demonstração de que o futebol através da ajuda de custo realmente auxilia aqueles que querem se tornar jogadores profissionais, esta na tabela a seguir. Onde exibimos a idade média onde os jogadores passam a receber algum tipo de auxílio ou recompensa para jogar. Porém até serem merecedores de tal auxílio os jogadores dependem fundamentalmente do suporte familiar ou por outro lado, já desenvolvem alguma atividade que de retorno financeiro o suficiente para custearem suas pretensões de profissionalismo no futebol.

Tabela 01 - Anos com que começou a disputar campeonatos de futebol recebendo salário ou ajuda de custo

			Cor/Raça			
			Branco	Negro	Pardo	Total
I D A D E	11 a 12	Valor % idade % cor	11 32.4% 10.1%	8 23.5% 9.6%	15 44.1% 11.4%	34 100.0% 10.5%
	13 a 14	Valor % idade % cor	20 46.5% 18.3%	11 25.6% 13.3%	12 27.9% 9.1%	43 100.0% 13.3%
	15 a 16	Valor % idade % cor	20 35.1% 18.3%	14 24.6% 16.9%	23 40.4% 17.4%	57 100.0% 17.6%
	17 a 19	Valor % idade % cor	47 32.9% 43.1%	37 25.9% 44.6%	59 41.3% 44.7%	143 100.0% 44.1%
	Acima de 20	Valor % idade % cor	11 23.4% 10.1%	13 27.7% 15.7%	23 48.9% 17.4%	47 100.0% 14.5%
	Total	Valor % idade % cor	109 33.6% 100.0%	83 25.6% 100.0%	132 40.7% 100.0%	324 100.0% 100.0%

Fonte: Vieira (2001)

Na tabela acima temos que a maioria (44,1%) dos jogadores profissionais atuais começou a receber salários ou ajuda de custo quando tinha entre 17 e 19 anos. 17,6% receberam entre os 15 e 17 anos e quanto mais a idade vai se distanciando do momento no qual o jogador se torna profissional menor é a porcentagem de jogadores que recebem ajuda de custo. Este fato apesar de ser compreensível evidencia como é o apoio familiar é necessário no início da carreira.

Esta tabela também demonstra que ao somarmos os três primeiros estratos, 46,7% dos jogadores brancos recebiam auxílio enquanto que entre os jogadores negros e pardos

a porcentagem é respectivamente de 39,8% e 37,8%. Com isto mesmo que de forma discreta existe a diferença entre brancos, negros e pardos no que se refere ao recebimento de auxílio nas categorias de base.

Ao observarmos que justamente entre os jogadores brancos existe uma maior concentração de jogadores de classe média, ou seja, com os pais tendo os maiores e salários e os maiores graus de escolaridade, o que deveríamos encontrar seria o inverso ou seja, os jogadores negros e pardos se beneficiando mais deste auxílio do que os jogadores brancos.

Infelizmente para analisarmos este fato, de forma apropriada, teríamos que possuir dados sobre as categorias de base e suas características, como a situação socioeconômica dos jogadores. No entanto, o que nossos dados permitem supor é que os clubes mais ricos são aqueles que costumam dar mais auxílio aos jogadores e nestes como o processo de acesso é dificultado, pode ser que ocorra uma concentração nas categorias de base de jogadores brancos. Creio ser esta suposição razoável para o fato de terem mais jogadores brancos se beneficiando da ajuda de custo do que negros e pardos.

3. O que fariam se não fossem jogadores

Um dos maiores impasses a serem resolvidos⁴ no âmbito do esporte contemporâneo, talvez não seja somente a passagem ou coexistência de relações administrativas, estruturais e gerenciais de cunho amador para o cunho profissional, como defendem muitos analistas esportivos, e sim, uma das resultantes mais terríveis da alta procura e crença no esporte como uma forma de resolver o problema da mobilidade social do pobre e em especial do negro e pardo, da sociedade brasileira. A questão que se coloca é: o que deve ser feito com a alta demanda de jogadores que não alcançam o profissionalismo? Existe um grande número de jogadores que começam a praticar o futebol na adolescência e ficam em média seis a oito anos investindo numa atividade sem

⁴ Com certeza este problema não tem origem no esporte e sim na deficiência da divisão de bens e de oportunidades da sociedade. Porém, este problema torna-se significativo para a esfera esportiva a partir do momento que imaginamos o alto número de pessoas que recorrem ao futebol para contornar a falta de possibilidade de mobilidade social.

procurar outras formas de profissionalização, e quando chegam na época de deixarem de serem amadores e ingressarem para o futebol profissional não são selecionados, ou escalados, ou promovidos, ou testados, e acabam excluídos, esquecidos e substituídos por outras jovens esperanças do futebol.

Neste momento, talvez o pior da vida destes aspirantes a jogador profissional, eles percebem que estão numa situação muito delicada, pois muitas vezes os anos de treinos e expectativas com relação a um grande futuro no futebol, fizeram com que não mais buscassem os estudos e, mesmo, com que os largassem. E agora aqueles que sonhavam com o enriquecimento e uma vida confortável, percebem que progrediram pouco e que ainda vão engrossar o grupo daquelas pessoas que em função do baixo grau de instrução engordam o contingente de desempregados, ou com sorte são empregados nas funções mais humildes com os salários mais modestos, que nem de longe se aproximam daquilo que imaginavam ganhar com o futebol.

Vemos, por isso, que não pode ocorrer uma desvinculação entre infância, adolescência e a educação, pois após um não aproveitamento do jogador no mundo esportivo o mesmo poderia dar continuidade a sua vida profissional em outra área na qual também tenha se especializado além do esporte.

Apesar de não conhecer detalhes do esporte e do sistema educacional nos EUA, lá parece ocorrer uma relação interessante entre alguns esporte e educação, por exemplo: a NBA, costuma recrutar seus jogadores novatos da Liga Universitária, os jogadores das Ligas Universitárias quase sempre são bolsistas e muitos foram convidados a estudar nas universidades por terem se destacado nas competições estudantis⁵. Assim, observa-se que, apesar de entre os jogadores universitários, apenas uma porcentagem mínima chegar ao profissionalismo (NBA), o restante não fica sem possibilidade de mobilidade social já que podem alcançar paralelamente a ascensão social através do nível universitário.

Nem todos os esportes americanos têm esta ligação com a educação, que não está na esfera legal mas na prática. No boxe profissional americano não existe esta associação, sendo possível encontrar nesta modalidade vários casos de lutadores profissionais que são oriundos das camadas mais pobres da população e sem êxito na educação. Wacquant

⁵ Obviamente, existe toda uma utilização das equipes e dos bolsistas, para elevar o nome das universidades, existe todo um jogo de marketing associado aos alunos-bolsistas e às equipes universitárias.

(1995), ao estudar o boxe num gueto negro norte-americano, observa ainda vários aspectos de valorização daquele esporte para os moradores do gueto, como a demonstração de honra, os valores da disciplina e a possibilidade de proteção, ou seja, destaca-se como uma atividade altamente educativa, além de servir como um meio profissionalizador e até mesmo de mobilidade social.

A relação entre o esporte e a educação cresce de importância na sociologia do esporte americana. Harris (1991), desenvolve a análise da relação entre esporte e vida acadêmica. Esta discussão torna-se relevante na sociedade americana uma vez que o acesso a maioria dos esportes profissionais se dá via esporte universitário, que por sua vez costuma buscar seus talentos nas competições escolares. Desta forma, o jogador profissional norte americano tem um grande contato com a vida acadêmica.

Em seu estudo Harris (1991) comparou o rendimento e as percepções de alunos/desportistas negros e brancos de duas escolas americanas. Os resultados e conclusão do autor vão no sentido de afirmar que escola e esporte são complementares, inclusive para os atletas negros, que apesar de terem uma vivência escolar um pouco diferenciada dos brancos, terminam por terem um rendimento muito similar, apesar de terem um background familiar em média inferior.

No Brasil, apesar de já terem existido alguns programas governamentais, como o “Esporte para Todos” que concatenava esporte e educação, e constantemente tanto o governo como a maioria das federações esportivas nacionais, entre elas destaca-se a de futebol e vôlei, estarem afirmando a importância da escola e da educação para o próprio desenvolvimento do esporte e do jogador, não se nota uma política e uma atitude mais consistente no sentido de aliar estes dois importantes momentos da vida de qualquer indivíduo.

3. O que pretendem fazer após encerrarem suas carreiras como jogadores

Um dos aspectos mais relevantes da trajetória do jogador profissional costuma ser negligenciada pela mídia de uma forma geral, quase sempre a imprensa hiper valoriza a infância dos jogadores, principalmente as infâncias pobres, exploram ao extremo a realidade ou o momento no qual o jogador esta na ativa e menosprezam e mesmo esquecem seus possíveis desatinos após encerrarem as carreiras. O que fazer quando o futebol não é mais a profissão e prefixo “ex” passa a acompanhar sua qualificação profissional. Esta foi uma das questões feitas aos jogadores as suas respostas caminharam no seguinte sentido: 44,3% dos jogadores indicaram que gostariam de se tornar técnicos de futebol, enquanto 32% manifestaram o interesse em abrir uma escolinha de futebol, 12,9% disseram que desenvolverão outras atividades como comentarista, dirigentes e coordenadores de futebol. No total assim, tivemos 89,1% dos jogadores afirmando que gostariam de continuar em atividades que são diretamente relacionadas ao futebol.

Não se observou diferenças significativas entre negros, brancos e pardos com relação as expectativas profissionais após os jogadores encerrarem as carreiras.

Porém a realidade expressa empiricamente a pouca continuidade dos jogadores negros e pardos como técnicos, empresários, ou ainda dirigentes.

“... While blacks are often excluded from prestigious coaching and managerial positions. Thus, blacks have been exploited by the sport establishment for their skills white also experience restricted access to leader ship positions in sports” (Spreitzer & Snyder, 1990, p.307)

A quantidade de técnicos negros no futebol brasileiro é ínfima quando comparada com os jogadores negros de sucesso, lembro que a prerrogativa de ter sido um grande jogador costuma abrir portas para se alcançar à posição de técnico, aliado a isto temos o interesse manifesto pela maioria dos jogadores em serem no futuro técnicos de futebol, temos uma difícil equação, que só aparenta ter solução se incluirmos as possibilidades destes jogadores negros sofrerem algum tipo de restrição discriminatória que os impeça de ocupar maior destaque na função de técnicos de futebol.

Vieira (1998), busca questionar e analisar a ausência dos jogadores negros e pardos em algumas ocupações do universo futebolístico brasileiro, o autor através da

oposição entre o que denominou de técnico estrategista e zagueiro *raçudo*, afirma que os negros são bem vistos para ocuparem posições nas quais se julga necessário mais força física do que características relacionadas ao intelecto. A carência de técnicos negros e pardos é atribuída a crença de que esta é uma ocupação que requer a capacidade de estrategista, com grande responsabilidade e capacidade organizativa e intelectual, por isso jogadores negros rotulados e vistos como tendo qualidades físicas como principal mérito não alcançam a esta função.

Moss & Tilly (1996), descrevem os problemas encontrados pelos homens negros para se empregarem dentro de um sistema de trabalho no qual as competências indefinidas, ou seja, as capacidades profissionais que não são dadas diretamente por uma formação profissional, mas que são necessárias dentro dos atuais padrões de concorrência mundial pela produtividade. Estas seriam as principais características que valorizam um candidato a emprego. A dificuldade dos homens negros reside no fato de que os empregadores não costumam associar tais competências indefinidas, como motivação e capacidade de interagir bem com o público e com os colegas, aos homens negros que terminam sendo preteridos de tais empregos.

A mesma lógica parece se aplicar ao futebol e a ausência de técnicos negros e pardos, ou seja, existiriam competências indefinidas, as quais os jogadores negros não seriam associados e por isto não poderiam na seqüência de suas trajetórias no futebol virem a se tornar técnicos.

“...nunca tinha percebido isto que você pergunta, mas é verdade tem poucos pretos técnicos, não acho que isso seja racismo ou discriminação. Veja bem de repente não técnicos pretos por que eles não são os melhores, quem é o melhor se firma quem não sabe né, não tem jeito, não tem espaço...” (entrevistado n.10)

Nos depoimentos os jogadores manifestaram que não haviam percebido ainda está ausência de técnicos negros e afirmaram em sua maioria que ela não deveria ser atribuída a uma discriminação dos negros e pardos para ocuparem esta posição, mas sim que eles não queriam ou não procuravam ocupar esta posição, já vimos aqui que a maioria dos jogadores acena com o interesse de vir a se tornar técnico de futebol um dia. Esta argumentação dos jogadores, com isso, torna-se extremamente enfraquecida.

Quando os jogadores foram questionados sobre os cinco técnicos da atualidade que eles apontariam para ocuparem o cargo de técnico da seleção brasileira, não tivemos um único técnico negro sendo apontado para ocupar tal cargo e apenas um técnico pardo foi lembrado para ocupar esta posição. Isto demonstra bem, a invisibilidade que tem o técnico negro e pardo no futebol brasileiro.

Já como serem técnicos é um sonho comprometido pelo que demonstra a realidade atual do futebol brasileiro. A maioria dos jogadores termina por ocupar ocupações e profissões para quais quase sempre não se preparam para exercer. A relação com o futebol neste momento que muitas vezes foi de experiência e confiança constante numa oportunidade que poderia mudar sua vida, pode ser transformar numa grande frustração.

A maioria dos jogadores entrevistados afirmava que apesar da idade beirando ou já passando dos trinta anos, não imaginavam o que iriam fazer após o futebol.

“...Nem penso nisso, quando tiver que parar eu paro, mas o que vou fazer nem imagino, o futebol é a minha vida, sem ele não sei não, vou adiar isto o máximo possível...”
(entrevistado n. 8)

Isto demonstra uma nítida falta de preparação e organização da maioria dos jogadores sobre o que vão fazer depois que terminarem no futebol. Inclusive eles atestam que existe uma grande dificuldade adaptativa dos jogadores com outras rotinas profissionais que exijam uma maior disponibilidade de tempo. Os jogadores do Rio de Janeiro costumam trabalhar apenas em turno e raramente permanecem nos clubes por mais de quatro horas, somente em ocasiões especiais os clubes marcam dois treinos por dia. Obviamente após aproximadamente 20 anos nesta rotina torna-se difícil a adaptação a ocupações que requeiram oito horas diárias de dedicação. Lembrando que o treino, propriamente dito, raramente ultrapassa duas horas de duração.

Com isso, para aqueles jogadores que não conseguiram a tão sonhada independência financeira durante o período de ativo no futebol, torna-se muitas vezes difícil a re-alocação no mercado de trabalho.

Neste sentido discordamos de Guedes que afirma que no último estágio da vida dos jogadores (após encerrarem a carreira) eles voltam a ter uma relação de ludicidade

com o futebol, acredito que neste momento onde novas necessidades surgem, a relação que eles mantêm com o futebol pode ser mais bem entendida como um sentimento de frustração. Frustração esta que vai se concretizando conforme os anos avançam e poucas oportunidades de jogador num clube grande aparecem e termina se firmando quando ele deixa de jogar futebol e costuma se situar como um jogador que não teve sorte ou oportunidade.

Obviamente existem aqueles jogadores que mantêm com o futebol outro tipo de relação após encerrarem suas carreiras, ou seja, aqueles que apesar de não terem conquistado a independência financeira observam que o futebol os ajudou a melhorar de vida em algum nível e por isto são agradecidos ao futebol. Estes não costumam ser a maioria e inclusive neles não está descartada a idéia de frustração.

4. Considerações sobre a trajetória dos jogadores de futebol

Sobre a trajetória dos jogadores profissionais temos como principais considerações, os seguintes pontos:

- a) Os jogadores quando chegam aos clubes de competição já sabem jogar, aprenderam nas ruas, nos campinhos, em escolinhas comunitárias, etc.
- b) O maior incentivador (motivador/viabilizador financeiro) no futebol brasileiro costuma ser a família.
- c) Existe um grande descompasso entre a educação e o futebol brasileiro, isto torna a passagem para o profissionalismo, um momento crucial, não só para a carreira dele como jogador, mas para a própria vida profissional do individuo que raramente tem outra opção de ocupação a altura das suas expectativas.
- d) A maioria dos jogadores gostaria de ser tornarem técnicos de futebol após encerrarem suas, carreiras. Este objetivo é dificultado para os jogadores negros já que existem pouquíssimos técnicos negros. Acreditamos que este fato seja uma consequência direta da discriminação dentro do futebol.

Estas considerações demonstram como existe uma grande ilusão por parte da sociedade quando imagina que o caminho do sucesso na vida via futebol é mais fácil do

que as demais formas de se ter obter êxito profissional na vida. A trajetória dos jogadores é marcada pela incerteza constante, mesmo aqueles que já alcançaram o profissionalismo não têm assegurado a sua condição de contrato e o salário da próxima temporada.

Podemos concluir que os jogadores têm muita dificuldade de serem reabsorvidos pelo mercado de trabalho em outra ocupação que não seja diretamente ligada ao futebol. Muitos deles só se imaginam trabalhando com escolinhas de futebol. Tal dificuldade pode ser associada ao tipo de rotina do jogador de futebol (trabalhar meio expediente) ou ainda a falta de uma preparação durante o período ativo como jogador para ocupar outra profissão.

Bibliografia

CARRINGTON, Bruce. (1986), “Social Mobility, Ethnicity and Sport”. In: *British Journal of Sociology of Education*. Vol. 07, No. 1.

DA MATTA, Roberto. (1982), “Esporte na Sociedade: Um ensaio sobre o futebol Brasileiro”. In: DaMatta et alli, *Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakoteque.

_____. (1994), “Antropologia do Óbvio: Notas em torno do significado Social do Futebol Brasileiro” In; *Revista da USP – Dossiê Futebol*. São Paulo: Edusp.

GUEDES, Simoni L. (1982), “Subúrbio: celeiro de craques”. In: DA MATTA, Roberto et alli. *Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

_____. (1999), *O Brasil no Campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1999.

HARGREAVES, J. E. (1986), *Sport, Power and Culture*, Cambridge, Polity Press.

HARRIS, Othello. (1991), “Athletics and Academics: Contrary or complementary Activities?” In: Jarvie, Grant (ed). *Sport, Racism and Ethnicity*. Burgess Science Press: Great Britain.

_____. (1994), “Race, Sport and Social support”. In: *Sociology of Sport Journal*, nº 11.

MOSS, Philip & Tilly, Chris. (1996), “Competências ‘indefinidas’ e raça: uma investigação sobre problemas de emprego dos homens negros” In: *Revista Afro-Asiáticos* (29), Rio de Janeiro.

OLIVER, Melvim. (1980) “The transmission of sport mobility orientation in the family”.
In; *International Review of Sport Sociology*, 2 (15).

WACQUANT, Loïc J. D. (1992), “The social logic of the boxing in black Chicago: toward
a sociology of pugilism”. in: *Sociology of Sport Journal*. nº09.

WADDINGTON, Ivan. (1996), “The Development of Sport Medicine”. In: *Sociology of
sport Journal*.

VIEIRA. Jose Jairo. (2001) Paixão Nacional e Mito Social: A participação do Negro no
Futebol , profissionalização e ascensão social. (tese de doutorado em sociologia).
Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ). Rio de Janeiro.